

Instituto Superior Miguel Torga
Escola Superior de Altos Estudos

Vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal
adaptativos em reclusos

Joana Catarina Ribeiro Matias

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2016

Vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal
adaptativos em reclusos

Joana Catarina Ribeiro Matias

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica

Ramo de Especialização Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Mariana Marques

Professora Auxiliar Convidada, ISMT

Coimbra, janeiro de 2016

Agradecimentos

Cada pessoa que cruza o nosso caminho tem algo para nos ensinar...

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estou eternamente grata.

Aos docentes do Estabelecimento Prisional de Leiria pelo apoio demonstrado, em especial às duas psicólogas, Dra. Isabel Ribeiro e Dra. Célia Baptista, Diretor e Diretora adjunta.

Às amigas que incansavelmente apoiaram esta etapa.

À professora Dra. Mariana Marques pelo apoio e orientação prestados.

Ao Ruben, que acompanhou o processo desde o início e com poucas palavras sempre apoiou e incentivou com todo o coração.

Resumo

Introdução: Sobretudo estudos internacionais focam a importância da vinculação e dos estilos educativos parentais no desenvolvimento de comportamentos delinquentes e antissociais. Em Portugal, alguns estudos focados na população reclusa, analisam, separadamente, estilos educativos parentais, personalidade e esquemas precoces mal adaptativos mas, segundo sabemos, nenhum explora, simultaneamente, a vinculação, os estilos educativos parentais e os esquemas precoces mal adaptativos nesta população. São nossos objetivos caracterizar uma amostra de reclusos quanto à vinculação em diferentes relacionamentos, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal adaptativos (EPM) e, sobretudo, explorar associações entre estas três variáveis (e destas com variáveis sociodemográficas, familiares, clínicas e relativas à pena).

Metodologia: 44 reclusos do sexo masculino ($M = 37,3$ anos; $DP = 10,98$; variação = 23-67) preencheram voluntariamente um questionário sociodemográfico e os seguintes instrumentos: EMBU – Memórias de Infância, Experiências em Relações Próximas - Questionário de Estruturas Relacionais e Questionário de Esquemas de Young (QEY)

Resultados: Verificou-se, quanto às associações entre vinculação e estilos educativos parentais que: menor *suporte emocional paterno* associou-se a maior *evitamento pai*, *evitamento mãe* e *evitamento companheira*; menor *suporte emocional materno* associou-se a maior *evitamento mãe*, *evitamento pai*, *ansiedade mãe* e *ansiedade pai*; maior *rejeição paterna* associou-se a maior *evitamento mãe*, *evitamento pai*, *ansiedade mãe* e *ansiedade pai*; maior *rejeição materna* associou-se a maior *evitamento pai* e *evitamento mãe*. No que toca às associações entre as dimensões de vinculação e EPM, é de enfatizar a associação positivas entre os EPM do domínio *distanciamento e rejeição* com o *evitamento mãe*, *ansiedade mãe* e *ansiedade pai*, particularmente, os EPM de abandono, desconfiança/abuso e isolamento social, por consistentemente se associaram às dimensões de vinculação. No domínio *autonomia e desempenho deteriorados*, o *fracasso* e a *dependência/incompetência* associaram-se positivamente ao *evitamento mãe*, a *dependência/incompetência* à *ansiedade pai* e o *fracasso* ao *evitamento companheira*. Quanto ao domínio *limites deteriorados*, a *grandiosidade* associou-se positivamente à *ansiedade pai*. No domínio *vigilância e inibição* o *pessimismo/negativismo* correlacionou-se positivamente com a *ansiedade mãe* e *pai* e a *autopunição* com a *ansiedade mãe*. Quanto às associações entre dimensões de estilos educativos parentais e os EPM, o domínio *distanciamento e rejeição* apresentou, de novo resultados relevantes: menores níveis de *suporte emocional materno* associaram-

se a maiores níveis de *privação emocional*; maiores níveis de *rejeição e sobreproteção materna e paterna* a maiores os níveis de *abandono*; maiores níveis de *rejeição materna e paterna* a maiores níveis de *desconfiança/abuso*; maiores níveis de *rejeição materna e sobreproteção materna e paterna* a maiores níveis de *isolamento social*; maiores níveis de *rejeição e sobreproteção paterna* a maiores níveis de *defeito*. Enfatiza-se, também, a associação entre níveis maiores de *rejeição paterna* e os EPM de *grandiosidade, padrões excessivos e pessimismo*. Maiores níveis de *rejeição materna* associaram-se a maiores níveis de *pessimismo e autopunição*.

Discussão: Embora numa amostra pequena, este estudo explorou, pela primeira vez, numa amostra de reclusos portugueses, em simultâneo, associações entre a vinculação, os estilos educativos parentais e os esquemas precoces mal adaptativos. O domínio esquemático *distanciamento e rejeição* parece ser o mais influenciado pela vinculação estabelecida em diferentes relacionamentos e pelos estilos educativos parentais.

Palavras-chave: vinculação; estilos educativos parentais; esquemas precoces mal adaptativos; reclusos.

Abstract

Introduction: Mainly international studies focus on the importance of attachment and parental rearing styles in the development of delinquent and antisocial behaviors. In Portugal some studies focused in the inmate population analyze, separately, parental rearing styles, personality and early maladaptive schemas but, to our knowledge, none simultaneously explores attachment, parental rearing styles and early maladaptive schemas in this population.

It is our objective to characterize a sample of inmates concerning attachment in different relationships, parental rearing styles and early maladaptive schemas (EMS) and, above all, explore associations between this three variables (and also with sociodemographic, family, clinic and sentence related variables).

Methodology: 44 male inmates ($M = 37,3$ years; $SD = 10,98$; variation = 23-67) voluntarily filled in a sociodemographic questionnaire and the following instruments: EMBU – Childhood Memories, Experiments in Close Relationships – Structural Relationship Form and the Young Schema Questionnaires (YSQ)

Results: we verified, regarding associations between attachment and parental rearing styles that: less *paternal emotional support* associated with higher *father avoidance* (in attachment), *mother avoidance* and *partner avoidance*; less *maternal emotional support* associated with higher mother avoidance, father avoidance, mother anxiety and *father anxiety*; higher paternal rejection associated with higher mother avoidance, *father avoidance*, *mother anxiety* and *father anxiety*; higher *mother rejection* associated with *father avoidance* and *mother avoidance*. Regarding associations between attachment dimensions and EMS, we emphasize positive associations between EMS in the *disconnection and rejection* domain with mother avoidance, mother anxiety and *father anxiety*, particularly, the abandonment, distrust/abuse and social isolation EMS, as they were consistently associated with the this *attachment dimension*. In the impaired autonomy and performance domain, the failure and *dependency/incompetence* EMS are positively associated with *mother avoidance*, the *dependence/incompetence* EMS to *father anxiety* and failure to *partner avoidance*. About the impaired limits domain, *grandiosity* EMS positively associated with *father anxiety*. In the *overvigilance* and *inhibition domain*, *pessimist/negativism* EMS positively correlated with *mother* and *father anxiety* and *self-punishment* EMS with *mother anxiety*. About the associations between parental rearing styles and the EMS, the *disconnection and rejection domain* presented again relevant results: lower levels of *maternal emotional support* associated

with higher levels of *emotional deprivation*; higher levels of *maternal and paternal rejection* and *overprotection* associated with higher levels of *abandonment*; higher levels of *maternal and paternal rejection* associated with higher levels of *distrust/abuse*; higher levels of *maternal rejection* and *maternal and paternal overprotection* associated with higher levels of *social isolation*; higher levels of *paternal rejection* and *overprotection* associated with higher levels of *defectiveness*. We also emphasize the association between higher levels of *paternal rejection* and the *grandiosity, excessive patterns and pessimism* EMS. Higher levels of *maternal rejection* associated with higher levels of *pessimism and self-punishment* EMS.

Discussion: Although in a small sample, this study explored, for the first time, in sample of Portuguese inmates, simultaneously, the associations between attachment, parental rearing styles and early maladaptive schemas. The schematic domain of disconnection and rejection seems to be the most influenced by the established attachment in different relationships and by parental rearing styles.

Keywords: attachment; parental rearing styles; early maladaptive schemas; inmates.

1.Introdução

Vinculação

Bowlby (1969/1982) estudou a vinculação, descrevendo-a como um sistema de controlo comportamental com objetivo de manter a proximidade da figura fornecedora de cuidados com a função e garantir a segurança e a proteção dos perigos da predação, aumentando a probabilidade de sobrevivência. Ao longo dos últimos 20 anos, a teoria da vinculação de Bowlby (1969) tornou-se um dos principais marcos teóricos para o estudo da regulação emocional, desenvolvimento da personalidade e das relações interpessoais. Um dos pressupostos fundamentais da teoria da vinculação no adulto é que as pessoas constroem representações mentais, ou modelos internos dinâmicos, do eu e de outras pessoas significativas, com base nas suas experiências interpessoais. (Bowlby, 1973; Fraley, Heffernan, Vicary e Brumbaugh, 2011; Pereira, 2007). Acredita-se que estas representações têm um papel importante na forma como as pessoas interpretam e compreendem os seus mundos sociais. Assim, a avaliação da segurança dos modelos internos dinâmicos é crucial para a dinâmica da compreensão da personalidade, emoções e relações interpessoais (Fraley, Heffernan, Vicary e Brumbaugh, 2011).

Apesar da necessidade de vinculação ser inata, as estratégias individuais para lidar com esta necessidade são aprendidas através da experiência relacional. Tal facto foi demonstrado por Ainsworth (1978, cit. Por Ainsworth, 1979) ao perceber que dinâmicas universais de vinculação interagem com ambiente diferentes de prestação de cuidados produzindo diferenças na personalidade. A autora (Ainsworth, 1985) distinguiu dois padrões de vinculação, no seu estudo designado de “situação estranha”: o seguro e inseguro. Nesta sequência, padrões de vinculação seguros traduzem-se em modelos internos dinâmicos do cuidador como responsivo e disponível e numa visão de si mesmo como merecedor de afeto. Por outro lado, os padrões de vinculação inseguros dizem respeito a uma visão de si como não merecedor de afeto, dos outros como rejeitantes, não responsivos, inacessíveis e em quem não se pode confiar. Dentro dos padrões inseguros, distingue-se, ainda, o padrão evitante - caracterizado por comportamentos defensivos de evitamento da figura de vinculação. Ainda, aquando do reencontro com a mãe, a criança evita a expressão e contacto receando exprimir o que sente e ser ignorado; do padrão ambivalente – caracteriza-se por um comportamento exigente mas sem expectativas, ou seja, a ausência da mãe aparenta-se indiferente para a

criança. Contudo, a sua manifestação relativamente ao regresso da mãe é difícil identificação pela sobreposição da descrença na responsividade por parte da mãe sobre as suas próprias necessidades (Ainsworth, 1985). Ainda acordo com Ainsworth, e pelos dados obtidos no seu estudo, a vinculação mãe-bebé reflete o “estado atual” da interação destes. Ao longo do tempo, os modelos internos dinâmicos de vinculação tendem a revelar estabilidade, funcionando como mecanismos auto-perpetuadores (Collins e Read, 1994, cit Collins, 1996). Ainda segundo Collins e Read, essa estabilidade acontece pelo processamento de informação confirmatória, pela seleção ou criação de ambientes sociais congruentes com as suas representações e/ou pela adesão a comportamentos geradores de ciclos auto-perpetuadores. Contudo esta perspectiva não é irreversível, ou seja, quer mudanças no ambiente social, que forneçam experiências desconfirmatórias, quer mudanças na forma como o indivíduo reflete, organiza e dá significado às experiências anteriores podem conduzir à mudança (Pereira, 2007).

Atendendo às conceitualizações referidas sobre vinculação (de Bowlby e Ainsworth) vários autores têm-na considerado como um traço, significando que os modelos internos dinâmicos possuídos pelas pessoas se manifestam e influenciam o relacionamento com um vasto número de pessoas (pais, amigos, parceiros) (Fraley, et al, 2011). Porém, esta conceção e a própria construção de instrumentos de avaliação da vinculação (de acordo com esta conceção) tem sido questionada, sendo possível existir variabilidade intrassujeito nas expectativas e crenças que a pessoa tem acerca de outras pessoas que pertencem à sua vida (Baldwin, Keelan, Fehr, Enns & Kohs-Rangarajoo, 1996, cit Fraley, et al, 2011), significando que os modelos internos dinâmicos que a pessoa apresenta em diferentes tipos de relacionamento podem não ser idênticos (Fraley et al., 2011).

Seguindo a lógica da diferenciação de estilos/modelos de vinculação consoante os diferentes tipos de relacionamento de uma pessoa, Hazan e Shaver (cit. por Mikulincer e Shaver, 2012) designaram que os estilos de vinculação podem ser medidos em duas dimensões independentes, a ansiedade (na vinculação) e evitamento (na vinculação). A posição de uma pessoa na dimensão da ansiedade indica o quanto o indivíduo se preocupa com o facto de o/a parceiro/a poder não estar disponível ou não ser responsivo, em alturas de necessidade. A posição de uma pessoa na dimensão evitamento indica o grau de desconfiança que o indivíduo tem da boa vontade do/a parceiro/a e se esforça por manter comportamentos de independência, autossuficiência e

distância emocional (Mikulincer e Shaver, 2012). Estes autores (2012) propõem que a localização de uma pessoa no espaço conceptual bidimensional definida pela ansiedade (na vinculação) e o evitamento (na vinculação) reflete quer a segurança da vinculação, quer a forma como lida com ameaças e sofrimento. Assim, pessoas com baixa pontuação nestas dimensões são geralmente seguras e tendem a empregar estratégias construtivas de regulação do afeto. Aqueles que têm uma pontuação elevada em ambas as dimensões ou numa isoladamente são inseguros e tendem a depender do que Cassidy e Kobak (cit. por Mikulincer e Shaver, 2012) chamaram estratégias secundárias de ligação, desativando ou ativando os seus modelos internos dinâmicos para lidar com as ameaças. As pessoas com pontuação elevada no evitamento (na vinculação) tendem a depender de estratégias de desativação - evitam a proximidade, negam e evitam as necessidades de aproximação e a interdependência nas relações. Estas estratégias desenvolvem-se depois das pessoas terem tido relações com figuras de vinculação desaprovadoras e punitivas da proximidade e expressões de necessidade e/ou vulnerabilidade. Pessoas com pontuação elevada em ansiedade (na vinculação) dependem de estratégias ativas – tentativas ativas para alcançar a proximidade, apoio e amor combinadas com a falta de confiança quando estes recursos são fornecidos e ressentimento e raiva quando eles não são correspondidos (Mikulincer e Shaver, 2012).

Mikulincer e Shaver (2007, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012) reviram centenas de estudos sobre o tema da vinculação, constatando que a insegurança (na vinculação) associava-se a psicopatologia, desde sofrimento (*distress*) ligeiro a graves perturbações de personalidade e até esquizofrenia. Vários estudos comprovam este dado, mostrando que a insegurança (na vinculação, quer no domínio ansiedade, quer no domínio evitamento) está associada a depressão (Cantazarro e Wei, 2010, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012), ansiedade (Bosmans, Braet e Van Vlierberghe, 2010, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012), quadros obsessivo-compulsivos (Doron, Moulding, Kyrios et al, 2009, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012) e de stresse pós-traumático (Ein-Dor, Doron, Solomon et al, 2010, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012), mostrando ser também um elemento central nas perturbações de personalidade (Crawford, Livesley, Jang, et al, 2007, Meyer e Pilkonis, 2005, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012). Acerca destas últimas perturbações, estudos mostram que a ansiedade (na vinculação) surge mais associada às perturbações de personalidade dependente, histriónica e borderline (Mikulincer e Shaver, 2012) e este mesmo domínio associa-se, ainda, a explosões

socialmente destrutivas e impulsivas de raiva, incluindo a violência (Crawford, et al, 2007, Livesley, 1991, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012). Já o evitamento (na vinculação) associa-se mais à perturbação de personalidade esquizoide e evitante e a problemas interpessoais em geral (Crawford, *et al*, 2007).

Para além dos estilos de vinculação desenvolvidos (na interação com as figuras significativas) influenciarem a psicopatologia de uma forma geral (traços de personalidade, sintomas de diferente natureza), podem, também, influenciar a presença de comportamentos desviantes, de delinquência e antissociais, pelo que estudos referem a importância, desde sempre, da interação pais-filhos (e dos estilos educativos parentais) no desenvolvimento de comportamentos delinquentes ou de problemas externalizantes. A presença de relações disfuncionais entre pais e filhos pode funcionar como uma abertura para a antissocialidade, ao contrário da presença de uma vinculação segura que parece reduzir a motivação para um comportamento desviante (Allen, Hauser & Borman-Spurrell, 1996; Allen, Marsh, McFarland, McElhaney, Land, Jodl & Peck, 2002; Fearon, Bakermans-kranenburg, van IJzendoorn, Lapsley & Roisman, 2010; Loeber, Farrington, Petechuk, 2003; Salt, 2013). Adolescentes inseguros apresentam maior probabilidade de apresentar mais problemas de conduta, e uma vinculação insegura evitante mostra estar associada a estes mesmos problemas na infância e adolescência (Allen, Hauser & Borman-Spurrell, 1996; Allen, Marsh, McFarland, McElhaney, Land, Jodl & Peck, 2002).

Se existem muitos estudos que abordem a associação entre os estilos de vinculação e a sua associação com os comportamentos delinquentes e desviantes na infância e adolescência, são escassos os estudos que explorem esta associação em adultos. Ainda assim, Nunes (2010), em Portugal, com uma amostra de 53 indivíduos adultos do sexo masculino com história de consumo de substâncias e práticas delinquentes concluiu por problemas gerais ao nível da socialização destes indivíduos e pelo seu desenvolvimento no âmbito de famílias problemáticas, dominando um padrão de vinculação inseguro evitante. Num estudo internacional, Ward, Hudson e Marshall (1996), numa amostra que incluiu abusadores de crianças, violadores, criminosos violentos (não sexuais), criminosos não violentos e criminosos não sexuais, verificou que a maioria dos que haviam cometido crimes sexuais apresentavam uma vinculação insegura, mas o mesmo foi encontrado para todos os grupos de criminosos, parecendo ser mais um fator de vulnerabilidade geral do que um fator específico dos criminosos que cometem crimes

sexuais. O estudo de Frodi, Dernevik, Sepa, Philipson e Bragesjö (2001) analisou as representações de vinculação de 24 reclusos com psicopatia (encarcerados num hospital psiquiátrico forense ou numa prisão de segurança média), confirmando a presença de uma vinculação insegura e de uma representação “desligada” de vinculação (avaliação através de uma entrevista que avaliava vinculação). Um estudo com mulheres grávidas que se encontravam encarceradas revelou que estas apresentavam taxas maiores de vinculação ansiosa do que amostras de baixo-risco da comunidade (Borelli, Goshin, Joestl, Clark e Byrne, 2010).

Estilos educativos parentais

Darling e Steinberg (1993) definem estilo parental como um conjunto de atitudes dos pais em relação às crianças criando um clima emocional, no qual se expressam as práticas parentais. Estas são definidas por comportamentos específicos, orientados por objetivos de socialização, através dos quais os pais cumprem as suas responsabilidades parentais em contextos específicos. Vários autores apresentam dimensões de estilos educativos parentais, mas importa referir sobretudo a descrição de Maccoby e Martin (1983, cit. por Darling e Steinberg, 1993). Estes autores referem duas dimensões de estilos educativos parentais: *controlo*, que diz respeito ao controlo e supervisão relevado pelos pais e maturidade exigida; e *suporte* (emocional), que se refere ao calor afetivo, aceitação e envolvimento demonstrado pelos pais. Através destas duas dimensões Braumring (1967, 1971, cit. por Darling e Steinberg, 1993) definiu um modelo tripartido de estilos educativos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo), acrescentando depois o estilo educativo negligente (1989, cit. por Darling e Steinberg, 1993).

São várias as conceptualizações, tanto das dimensões dos estilos educativos parentais, como da influência da relação com os pais no desenvolvimento da criança/adolescente. Nestes sentido salientam-se 5 grandes áreas: desenvolvimento emocional (Bersheid. 1986, Safran & Segal. 1990, Guidano, 19117, cit. Canavarro, 1996), cognitivo (Wachs & Gruen, 1911, cit. Canavarro, 1996), da personalidade (Hinde & Hinde, 1986, cit. Canavarro, 1996), da construção de novas relações interpessoais (Ainsworth, 1991, Main & Kaplan, 1985, Sroufe & Fleeson, 1986, Weiss, 1986, cit. Canavarro, 1996) e afetivas e do desenvolvimento da psicopatologia (Van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996, Perris, 1994, Rutter, 1995, cit. Canavarro, 1996).

Num estudo realizado por Wearden, Peters, Berry, Barrowclough, e Liversidge, (2007) não foram encontradas correlações significativas entre ansiedade (na vinculação), evitamento (na vinculação) e parentalidade "calorosa". Ainda, como esperado a ansiedade na vinculação correlacionou-se de forma fraca com a parentalidade inconsistente ou ambivalente, mas isso só atingiu significância para cuidados maternos, e apenas em participantes do sexo feminino. Ao contrário das previsões, evitamento (na vinculação) não apresentara correlações significativas com nenhum estilo parental.

Tal como no caso da vinculação, poucos estudos exploram, em adultos, nomeadamente em reclusos, a perceção possuída acerca dos estilos educativos parentais dos próprios pais. Sendo mais comuns os estudos realizados em crianças e adolescentes, o estudo de Hoeve, Dubas, Gerris, van der Lann e Smeenk (2011) reconhece associações transversais e longitudinais entre os estilos educativos parentais (de ambos os progenitores) e a delinquência de jovens de ambos os sexos (idades entre os 14 e os 22 anos). Os autores verificaram que um estilo parental negligente (níveis baixos de suporte emocional e de controlo) associou-se a maiores níveis de delinquência nos rapazes e que um estilo parental permissivo (níveis altos de suporte emocional e baixos de controlo) a maiores níveis do mesmo comportamento nas raparigas (ao nível transversal). Manteve-se a associação encontrada, a um nível longitudinal (ao longo de cinco anos), na amostra de rapazes. Um estudo com uma amostra de 89 jovens "criminosos" (offenders) finlandeses revelou, nesta amostra, a presença de uma perceção retrospectiva, por parte destes jovens, de rejeição materna e rejeição paterna (Haapasalo, 2001). Vários outros estudos com crianças e adolescentes mostram que problemas de conduta, comportamentos agressivos e antissociais estão associados a estilos parentais autoritários e a uma disciplina severa e punitiva, assim como a um comportamento permissivo, caracterizado por pouca supervisão e monitorização (Haapasalo e Trembaly, 1994; Loeber e Farrington, 1998, cit. por Haapasalo, 2001).

Quanto aos estudos com adultos, o estudo de Frodi e colaboradores (2001), já referido, verificou que níveis maiores de psicopatia se associavam a uma constelação familiar com pais rejeitadores (Rejeição Pai – EMBU) e com mães (idealizadas) muito suportativas/calorosas (Suporte Emocional Mãe – EMBU). Num estudo com reclusos e pacientes forenses (do sexo masculino e adultos), por comparação com homens da população geral, controlando a influência de patologia da personalidade, os pacientes

forenses relataram menos suporte por parte das mães e mais proteção por parte de ambos os progenitores, verificando-se que os reclusos distinguiram-se de forma menos clara dos homens da população geral (controlando a patologia de personalidade, percebiam os progenitores do sexo masculino como mais protetores e as mães como oferecendo mais suporte) (Timmerman e Emmelkamp, 2005). O estudo de Chipman, Olsen, Klein, Hart e Robinson (2000) mostrou que, uma amostra de 188 reclusos, por comparação com uma amostra de 377 não reclusos, reportou maior incidência dos estilos educativos parentais autoritário e permissivo (e das dimensões que lhe estão associadas: autoritário - maior controlo, menor suporte emocional; permissivo: menor controlo e maior suporte emocional) e menor incidência do estilo autoritário (maior controlo e maior suporte emocional).

Esquemas precoces mal adaptativos

Nos anos 50, surgiu, no âmbito da psicologia, uma abordagem focada nos modelos de processamento de informação que se baseiam na analogia cérebro – computador (Rijo, 2009). Estes modelos expressam que as operações mentais (cognição ou emoção) dependem da aquisição, transformação e armazenamento de informação, acerca do mundo e de nós próprios (Ingram e Kendall, 1986, cit. Rijo, 2000). Referem, então, que existe uma recolha precetiva do meio, seguida duma interpretação ou atribuição de significado com conseqüente armazenamento do significado atribuído à informação. Existem uma enorme quantidade de informação disponível e só parte desta é processada (Mathews, 1997, cit. Rijo, 2000), podendo “enviesamentos”, que descrevem a preferência sistemática para processar dada informação em detrimento de outra e de certa maneira. Este enviesamento é explicado pela existência de estruturas pré-existentes de conhecimento, armazenadas na memória, onde se encontra contida a informação acerca de nós e do mundo. Perante qualquer nova informação, a estrutura de conhecimento relativa a esta dá-lhe sentido, orientando o processamento de acordo com a informação já existente. Estas estruturas são denominadas de esquemas (Rijo, 2000).

Assim, a atividade de processamento de informação, enquanto característica essencial do aparelho cognitivo, conduz a vários conteúdos através de três níveis de operação: estruturas (esquemas), processos e produtos cognitivos (Hollon e Kriss, 1984, cit. Rijo 2000, 2009). Ainda assim, os esquemas ou estruturas cognitivas têm sido designados de diversas formas consoantes os autores (Rijo, 2000). Apesar das

diferenças entre as várias teorias esquemáticas existentes, todas defendem que o indivíduo desenvolve estruturas de conhecimentos resultantes da sua interação com o meio, através das quais dá sentido às suas experiências permitindo fazer previsões sobre o mundo. Os esquemas têm uma função adaptativa, organizando as experiências em padrões de significado, reduzindo a complexidade do ambiente (Rijo, 2000). Quando o esquema está ativado, a informação que é selecionada é aquela que é congruente com a informação contida no esquema, da mesma forma que o seu processamento também é efetuado segundo esse conteúdo. Este funcionamento constitui uma vantagem ao facilitar a aprendizagem, reconhecimento, compreensão e recordação da informação relacionada com o esquema. Contudo pode ser uma desvantagem quando o esquema já não é relevante para dar sentido à situação atual, continuando no entanto a dirigir o processamento da informação, originando erros, distorções e enviesamentos. Este especto é tanto mais disfuncional quanto a ativação de um esquema implique a inibição de outro competitivo que poderiam ser mais adaptativos (Mandler, 1985, cit. Rijo, 2000).

Segundo Young e Bechary (1998) e Young, Klosko e Weishaar (2003) os esquemas precoces mal adaptativos desenvolvem-se nos primeiros anos de vida e resultam de experiências disfuncionais com os pais, familiares e grupos de pares. Inicialmente, Young e Brown, em 1990 (cit. Rijo, 2009), construíram o *Young Schema Questionnaire* que avaliava quinze esquemas precoces mal adaptativos. Posteriormente, este questionário sofreu alterações e avalia, atualmente, dezoito esquemas (Young e Bechary (1998) e Young, Klosko e Weishaar (2003)). Segundo Young (Young e Bechary (1998) e Young, Klosko e Weishaar (2003)), estes esquemas fazem parte de cinco domínios: os esquemas abandono, desconfiança/abuso, privação emocional, defeito/vergonha e isolamento social/alienação fazem parte do domínio *distanciamento e rejeição*, avaliando as expectativas sobre a satisfação das necessidades básicas de segurança, estabilidade, apoio, cuidados, empatia, partilha de sentimentos, aceitação e respeito; os esquemas dependência/incompetência, vulnerabilidade ao mal e à doença, emaranhamento e fracasso fazem parte do domínio *autonomia e desempenho deteriorados*, que avaliam a perceção de uma pessoa sobre as suas aptidões para se separar, sobreviver e funcionar de forma independente e com sucesso; os esquemas grandiosidade e autocontrolo insuficientes fazem parte do domínio *limites deteriorados*, que avaliam a existência de uma deficiência nos limites internos, responsabilidade para com os outros ou orientação/objetivos a longo prazo; os esquemas subjugação, auto-

sacrifício e procura de aprovação fazem parte do domínio *influência dos outros*, avaliando a existência de um foco excessivo nos desejos, sentimentos e respostas dos outros, pondo de parte as próprias necessidades; os esquemas negativismo, controlo excessivo/inibição emocional, padrões excessivos/hipercriticismo e punição fazem parte do domínio *vigilância e inibição*, avaliando a ênfase excessiva no controlo dos sentimentos espontâneos, impulsos e escolhas, evitando erros ou numa tentativa de cumprir regras rígidas e interiorizadas acerca do desempenho e comportamento ético.

Além da compreensão dos esquemas mal adaptativos precoces, é necessário também entender os 3 processos esquemáticos através dos quais os esquemas exercem a sua função e se perpetuam: processos de manutenção, processos de evitamento e processos de compensação dos esquemas (Young, 1990, cit. Rijo, 2009). Processos de manutenção dos esquemas, são processos pelos quais os esquemas são reforçados e rigidificados, os processos de evitamento dos esquemas são processos através dos quais o indivíduo evita a ativação do esquema. O evitamento pode ser cognitivo, emocional e comportamental, e por fim, os processos de compensação dos esquemas – os indivíduos optam por comportamentos ou cognições que aparentam o oposto do que seria de esperar a partir do conhecimento dos seus esquemas (Rijo, 2009).

Young (Young, Klosko e Weishaar (2003) desenvolveu a Terapia Focada nos esquemas com vista ao tratamento das perturbações de personalidade, como um desenvolvimento à Terapia Cognitiva de Beck, após verificar que a terapia cognitiva breve é de difícil aplicação em doentes com perturbações de personalidade. Surge então a Terapia Focada nos Esquemas (TFE) integrando técnicas cognitivas, emocionais, relacionais e comportamentais, permitindo uma maior capacidade de compreensão das perturbações de personalidade e possibilitando abordagens terapêuticas mais completas e eficazes (Rijo, 2009).

Poucos estudos no nosso país foram realizados em amostras de reclusos explorando o constructo de esquemas precoces mal adaptativos e analisando as perturbações de personalidade. Ainda assim, o estudo de Carvalho (2012), numa amostra de 156 reclusos de 9 estabelecimentos prisionais do nosso país mostrou que, não só as perturbações de personalidade são muito prevalentes nesta população (nomeadamente antissocial, paranoide, narcísica e *borderline*), como os esquemas precoces mal adaptativos de abandono, isolamento social, grandiosidade e procura de aprovação discriminam/predizem sujeitos com e sem Perturbação de Personalidade. Segundo

Bernstein (2008, cit. por Carvalho, 2012) e Rijo (2007, cit. por Carvalho, 2012) os três primeiros esquemas subjazem mesmo ao comportamento antissocial. O estudo de Brazão, Motta, Rito e Pinto Gouveia (2015) numa amostra de 294 reclusos do sexo masculino portugueses confirmou uma prevalência de cerca de 80% de perturbação de personalidade (42.8% com perturbação de personalidade antissocial; com as perturbações de personalidade paranoide, passivo-agressiva, *borderline* e narcísica a surgirem mais frequentemente em comorbilidade). Focando, de novo, mais em particular os esquemas precoces mal adaptativos, o estudo internacional de Loper (2003), com reclusas, demonstrou o papel dos esquemas pertencentes ao domínio dos *limites deteriorados* (grandiosidade; autocontrolo insuficientes) para a presença de sintomatologia marcada pela hostilidade (Loper, 2003). Ball e Cecero (2001) numa amostra de doentes com perturbação de personalidade e dependência de substâncias verificaram a associação entre a perturbação de personalidade antissocial e os esquemas precoces mal adaptativos de desconfiança/abuso, vulnerabilidade ao mal e à doença e inibição emocional. Gilbert e Daffern (2013) com uma amostra de 87 reclusos que estavam na fase de avaliação pré-sentença encontraram uma relação entre sintomas de perturbação de personalidade antissocial e os esquemas do domínio *limites deteriorados* (grandiosidade, autocontrolo insuficientes) e entre os sintomas de perturbação de personalidade *borderline* e os esquemas do domínio *distanciamento e rejeição* (abandono, desconfiança/abuso, privação emocional, defeito/vergonha e isolamento social/alienação). O estudo de Bernstein (2008, cit. por Carvalho, 2012) conduzido em hospitais psiquiátricos do sistema prisional holandês revelou que, em sujeitos com comportamento antissocial os esquemas precoces mal adaptativos mais prevalentes são os de desconfiança/abuso, defeito, fracasso, isolamento social, abandono, privação emocional, grandiosidade de autocontrolo insuficiente. O estudo realizado numa amostra clínica por Petrocelli, Glasesm Calhoun e Campbell (2001) revelou uma associação entre os esquemas de abandono, privação emocional, isolamento social e padrões excessivos e as perturbações de personalidade evitante, antissocial e *borderline*.

Vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal adaptativos

Segundo temos conhecimento, não existem estudos que explorem as relações entre os constructos vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal adaptativos em simultâneo, quer na população geral, em amostras clínicas ou de reclusos. Porém, alguns estudos exploraram, a relação entre dois destes constructos em simultâneo, particularmente analisando as associações e o papel da vinculação ou estilos educativos parentais no desenvolvimento dos esquemas precoces mal adaptativos.

Como vimos, segundo a teoria de Bowlby, a insegurança na relação de vinculação, associada a experiências adversas na infância, fica “cristalizada” em modelos internos dinâmicos, estando associada a um risco maior de psicopatologia. Segundo a teoria cognitiva da psicopatologia de Beck (2005) e de Young, Klosko e Weisharr (2003) aqueles modelos internos podem ser vistos como esquemas mal adaptativos que, como já vimos, podem associar-se a cognições, emoções e comportamentos que caracterizam vários tipos de quadros psicopatológicos. É neste sentido que vários autores têm explorado se os esquemas precoces mal adaptativos podem funcionar como mediadores cognitivos na relação entre uma vinculação insegura e a psicopatologia. Mas para que aqueles possam ser mediadores, a vinculação insegura tem de associar-se ao desenvolvimento dos esquemas precoces mal adaptativos e, de facto, Simard e colaboradores (2011) provaram esta associação num estudo longitudinal de 15 anos. Os autores avaliaram a vinculação de crianças de 6 anos (através da Situação Estranha) e os esquemas precoces mal adaptativos aos 21 anos de idade (através de autorrelato), verificando mais sinais daqueles esquemas em jovens adultos classificados como estando vinculados de forma insegura (enquanto crianças), por comparação com jovens adultos classificados como seguros. Num estudo realizado no Reino Unido, junto de uma amostra clínica (72 pessoas acompanhadas nos serviços de saúde mental) (Platts, Mason e Tyson, 2005), para além dos autores verificarem que 81% dos participantes tinha um estilo inseguro de vinculação, constataram que os esquemas precoces mal adaptativos variaram em função do grupo de vinculação, com o grupo “temeroso” a possuir o maior grau de esquemas precoces mal adaptativos, seguido do grupo “preocupado”.

Quanto aos estudos que exploraram, então, se os esquemas mal adaptativos precoces medeiam a relação entre a vinculação e sintomas de psicopatologia, Bosmans, Braet e Vljerberghe, (2011) exploraram se os esquemas precoces mal adaptativos podem

explicar a relação entre as dimensões ansiedade (na vinculação) e evitamento (na vinculação) e os sintomas de psicopatologia, numa amostra de 289 adolescentes. Verificaram que a associação entre ansiedade (na vinculação) e os sintomas de psicopatologia era mediada totalmente por cognições (esquemas) de distanciamento e rejeição e influência dos outros e a associação entre o evitamento (na vinculação) e os mesmos sintomas era parcialmente mediada por cognições (esquemas) de distanciamento e rejeição. Roelofs, Onckels e Muris (2013) também exploraram a relação entre uma vinculação insegura, esquemas precoces mal adaptativos precoces e vários tipos de sintomas psicopatológicos (problemas de conduta, problemas na relação com pares e problemas emocionais) numa amostra clínica de 82 adolescentes. O domínio de distanciamento e rejeição mediou a relação entre a vinculação insegura e os problemas na relação com os pares e problemas emocionais. Em particular, o esquema de abandono mostrou mediar as associações encontradas.

Não podemos deixar de referir o estudo de Thimm (2010) que também procurou explorar se as experiências adversas na infância promovem o desenvolvimento de esquemas precoces mal adaptativos, i.e., analisar as ligações entre a percepção retrospectiva dos estilos educativos parentais, os esquemas precoces maladaptativos e os sintomas de perturbações de personalidade, numa amostra clínica (108 participantes). Confirmou que os esquemas precoces medeiam a relação entre a percepção dos estilos educativos parentais e os sintomas de perturbações de personalidade. O autor verificou, ainda, que todos os cinco domínios esquemáticos se relacionaram com a rejeição paterna (à exceção do domínio dos limites deteriorados) e com a rejeição materna. Tendo os autores realizado análises com os EPM agrupados por domínios, os domínios distanciamento/rejeição, influência dos outros e vigilância e inibição mostraram estar associados a menor suporte emocional. Neste estudo a sobreproteção paterna e materna não se correlacionaram com nenhum domínio esquemático.

Verifica-se a ausência de estudos que explorem, no nosso país, as variáveis vinculação (independentemente da concetualização seguida, por exemplo: segura vs. insegura; insegura evitante ou ansiosa), estilos educativos parentais (suas dimensões ou estilos) e esquemas precoces mal adaptativos separadamente ou simultaneamente, em amostras de reclusos. Porém, parece-nos importante explorar a associações entre estas variáveis dado hipotetizarmos que a vinculação (dimensões ansiedade e evitamento, desenvolvidas em diferentes relacionamentos) e os estilos educativos parentais (a que

alguém foi sujeito: suporte emocional, rejeição, sobreproteção) pode influenciar o desenvolvimento de determinados esquemas precoces mal adaptativos. Assim, para além de pretendermos caracterizar uma amostra de reclusos quanto às dimensões de vinculação (ansiedade e evitamento) em diferentes relacionamentos, dimensões de estilos educativos parentais (suporte emocional, rejeição e sobreproteção) e esquemas precoces mal adaptativos, é nosso objetivo principal, explorar, numa amostra de reclusos, as diferentes eventuais associações entre estas três variáveis. Apesar da hipótese referida poder fazer sentido em qualquer amostra (da população geral e clínica) focamo-nos, neste estudo, na população reclusa. Exploramos, ainda, algumas associações entre estas variáveis e variáveis sociodemográficas, familiares, clínicas e relativas à pena.

2. Materiais e Métodos

2.1. Participantes

Na Tabela 1 apresenta-se a caracterização sociodemográfica da amostra. Os 44 participantes apresentaram uma idade média de 37,30 anos ($DP = 10,98$). Verificou-se que a maioria tinha o 3º ciclo de escolaridade ($n = 15, 34,1\%$), logo seguidos do 2º ciclo de escolaridade ($n = 14; 31,8\%$). A maioria dos indivíduos era solteiro ($n = 20, 25,5\%$).

Tabela 1
Características sociodemográficas

	Amostra	
	<i>M(DP)</i>	Intervalo
Idade	37,30 (10,98)	23-67
	<i>n</i>	%
Escolaridade		
1º ciclo	7	15,9
2º ciclo	14	31,8
3º ciclo	15	34,1
Ensino secundário	4	9,1
Ensino superior-Licenciatura	2	4,5
Total	42	95,5
Não respondeu	2	4,5
Total	44	100
Estado Civil		
Solteiro	20	45,5
União de facto	7	15,9
Casado	10	22,7
Divorciado	7	15,9
Total	44	100
Profissão		
Quadros superiores de administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa	1	2,3
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	1	2,3
Pessoal dos serviços e vendedores	13	29,5
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	2	4,5
Operários, artífices e trabalhadores similares	14	31,8
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	3	6,8
Desempregado	5	11,4
Total	5	11,4
Não respondeu	5	11,4
Total	44	100

n = frequência; % = percentagem; *M* = média; *DP* = desvio-padrão

A maioria dos reclusos viveu com a sua família nuclear até aos 16 anos (incluindo pai, mãe e irmãos) ($n = 33$, 75%). Quanto ao agregado familiar antes de iniciar o cumprimento da pena esta tendência manteve-se ($n = 32$, 72,7%). A maioria não refere sentimentos de tristeza ou perda de interesse pelas coisas (anedonia) nas duas últimas semanas ($n = 23$, 52,3%). Quanto à situação jurídico-penal, a maioria encontrava-se com pena definida (condenado) ($n = 24$, 54,5%). Quanto à duração da pena, a maioria tinha uma pena de 1 a 60 meses ($n = 15$, 34,1%) (Tabela 2).

Tabela 2
Características familiares, clínicas e relativas à pena

	<i>n</i>	<i>%</i>
Agregado familiar até aos 16 anos		
Família nuclear	33	76,7
Família alargada	1	2,3
Família nuclear e alargada	9	20,9
Total	43	97,7
Não respondeu	1	2,3
Total	44	100
Agregado familiar antes do cumprimento da pena		
Família nuclear	32	72,7
Família nuclear e alargada	9	20,5
Total	41	93,2
Não respondeu	3	6,8
Total	44	100
Nas duas ultimas semanas - desanimado, triste, deprimido, em baixo e/ou sem interesse pelas coisas		
Sim	19	43,2
Não	23	52,3
Total	42	95,5
Não respondeu	2	4,5
Total	44	100
Pena		
Preventivo	17	38,6
Condenado	24	54,5
Total	41	93,2
Não respondeu	3	6,8
Total	44	100
Duração da pena (<i>M</i> = 52,4; <i>DP</i> = 28,71)		
De 1 a 60 meses	15	34,1
De 61 a 121 meses	8	18,2
Total	23	52,3
Não respondeu	21	47,7
Total	44	100

n = frequência; % = percentagem;

2.2.Procedimentos

Depois de definida a temática deste trabalho e os instrumentos a serem utilizados (questionário sociodemográfico/Apêndice A; ECR-RS/Anexo 1; EMBU Memórias de infância/Anexo 2; Questionário de Esquemas de Young/Anexo 3) foram solicitadas as autorizações aos respetivos autores (Apêndice B), que foram concedidas. De seguida, foi pedida autorização ao diretor do Estabelecimento Prisional de Leiria para a realização do estudo neste mesmo local, a qual foi concedida (Apêndice C).

Procedeu-se, então, à recolha junto dos reclusos, explicando-se o objetivo do estudo e recolhendo o seu consentimento informado (Apêndice D). Os questionários foram respondidos, de forma individual, pelos reclusos que aceitaram participar do estudo, numa sala cedida pelo Instituto Prisional de Leiria, entre março e junho de 2015.

2.3. Instrumentos

2.3.1 Questionário sociodemográfico

Para caracterizar a nossa amostra foi aplicado um questionário que avaliou idade, escolaridade, profissão, estado civil, agregado familiar até aos dezasseis anos e antes de iniciar o cumprimento da pena, pena e uma questão de rastreio para avaliar a existência de depressão.

2.3.2. EMBU – Memórias de Infância (Perris, Jacobsson, Lindstrom, Von Knorring e Perris, 1984; Canavarro, 1996) (Anexo 2)

Inicialmente denominado de *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*, este instrumento foi construído por Perris, Jacobsson, Lindstrom, Von Knorring e Perris em 1984. Visa medir a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe separadamente. Para tal é utilizada uma escala de tipo Likert de quatro pontos, que vai desde “Não, nunca” até “Sim, a maior parte do tempo” (Canavarro, 1996).

A primeira versão do instrumento era composta por 81 itens, agrupados em 14 dimensões correspondentes a 14 práticas educativas: *abuso, privação, punição, vergonha, rejeição, sobreproteção, sobreenvolvimento, tolerância, afeição, orientação para o desenvolvimento, indução de culpa, estratégias de estimulação, preferência em relação aos irmãos e preferência dos irmãos em relação ao indivíduo*. Num estudo seguinte os autores submeteram os 81 itens a uma análise fatorial e obtiveram 4 fatores distintos: *rejeição, suporte emocional, sobreproteção e preferência em relação aos irmãos*. Esta escala contava com 64 itens. Em 1994, Arrindell e colaboradores (cit. por Canavarro, 1996) desenvolveram uma versão abreviada do inventário, composta apenas por 23 itens. Esta versão foi posteriormente traduzida e validada para a população Portuguesa por Canavarro, em 1996.

Assim, a versão portuguesa da escala mede três fatores: *rejeição* (itens 1, 4, 7, 10, 13, 15, 16, 21 e 22), que diz respeito a comportamentos dos pais que procuram

modificar a vontade dos filhos e são sentidos como uma pressão para se comportarem de acordo com a vontade dos pais (práticas como castigos físicos, privação de objetos ou privilégios, ou aplicação direta da força com o objetivo de influenciar o comportamento do filho); *suporte emocional* (itens 2, 6, 9, 12, 14, 19 e 23), que se refere a comportamentos dos pais perante o filho, que permitem que este se sinta confortável e aceite como pessoa na sua presença (somatório dos comportamentos dos pais em relação aos filhos tais como a aprovação, encorajamento, ajuda, compensação, expressão verbal e física de amor e carinho) e, por fim, *sobreproteção* (itens 3, 5, 8, 11, 17, 18 e 20), que traduz comportamentos de controlo excessivo por parte dos pais, levando mesmo a que estes se intrometam na vida dos filhos e comportamentos cujo objetivo é prevenir a independência por parte dos filhos (Canavarro, 1996).

Segundo Canavarro (1996), o EMBU apresenta um alfa de Cronbach de 0,541 para o pai e 0,661 para a mãe. Neste estudo, encontramos, para cada dimensão, os seguintes valores de alfa de Cronbach (interpretados de acordo com os critérios de Pestana e Gageiro, 2008): Rejeição Mãe: 0,721 (razoável); Rejeição Pai: 0,651 (fraca); Suporte Emocional Mãe: 0,814 (bom); Suporte Emocional Pai: 0,742 (razoável); Sobreproteção Mãe: 0,602 (fraca) e Sobreproteção Pai: 0,487 (inadmissível; apesar do alfa inadmissível desta última dimensão, segundo Nunnally, 1967, cit. por Bean, 1980, um alfa de 0,5 é suficiente em estudos exploratórios/iniciais, pelo que dada a proximidade do presente alfa com 0,5 iremos analisar os resultados obtidos com esta dimensão).

2.3.3. Experiências em Relações Próximas - Questionário de Estruturas Relacionais/*The Experiences in Close Relationships-Relationship Structures (ECR-RS)* (Franley, 2011; Moreira e Canavarro, 2012) (Anexo 1)

O ECR-RS foi desenvolvido por Franley em 2011 e validado para a população portuguesa por Moreira e Canavarro em 2012 e avalia dimensões de vinculação em contextos variados. É um instrumento constituído por nove itens respondidos pelo sujeito relativamente a quatro pessoas significativas distintas (figura materna, figura paterna, companheiro/a atual e melhor amigo/a). Neste estudo apenas consideramos as respostas dadas relativamente às três primeiras pessoas. Cada item é respondido numa escala tipo Likert de 7 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo plenamente). Os itens 1, 2, 3 e 4 são invertidos. Os itens agrupam-se em duas pontuações de vinculação: evitamento (na vinculação) (itens 1 a 6) e ansiedade (na

vinculação) (itens 7 a 9) (Franley, 2011; Moreira & Canavarro, 2012). Cada pontuação (de evitamento e ansiedade para cada pessoa significativa) é calculada realizando a soma dos respetivos itens, a dividir pelo número de itens que a compõem (média), sendo que valores mais elevados representam maior evitamento ou ansiedade. Segundo Moreira e Canavarro (2012), o instrumento apresenta boa consistência interna total ($\alpha = 0,92$) e para cada dimensão foram encontrados os seguintes valores de alfa de Cronbach: Evitamento Mãe: 0,890; Evitamento Pai: 0,910; Evitamento Companheira: 0,720; Evitamento Amigo(a): 0,810; Ansiedade Mãe: 0,750; Ansiedade Pai: 0,860; Ansiedade Companheira: 0,910 e Ansiedade Amigo: 0,890.

Neste estudo encontramos os seguintes valores de alfa de Cronbach (interpretados de acordo com Pestana e Gageiro, 2008): Evitamento Mãe: 0,752 (razoável); Evitamento Pai: 0,763 (razoável); Evitamento Companheira: 0,696 (fraca); Ansiedade Mãe: 0,821 (bom); Ansiedade Pai: 0,738 (razoável) e Ansiedade Companheira: 0,823 (bom).

2.3.4. Questionário de Esquemas de Young/Young *Schema Questionnaire* - S3 (YSQ-S3; Young, 2005; Rijo, Pinto Gouveia e Salvador, 2005) (Anexo 3)

O YSQ foi construído por Young e Brown em 1990. Inicialmente, era constituído por 205 itens e destinava-se a avaliar 15 Esquemas Mal adaptativos Precoces (EMP). Para além desta versão existe uma outra de 75 itens, composta pelos 5 itens com maior peso em cada esquema da versão longa. Em 2005 foi desenvolvida uma outra versão do instrumento (Young, 2005, cit. por Rijo, 2009), a partir da qual Rijo, Pinto Gouveia e Salvador realizaram a validação para a população portuguesa (Rijo, 2009). Esta última versão é composta por 90 itens distribuídos de igual forma (mesmo número) por dezoito EMP: *privação emocional, abandono, desconfiança/abuso, isolamento social/alienação, defeito/vergonha, fracasso, dependência/incompetência funcional, vulnerabilidade ao mal e à doença, emaranhamento/eu subdesenvolvido, subjugação, autossacrifício, inibição emocional, padrões excessivos de realização/hipercriticismo, grandiosidade, autocontrolo/autodisciplina insuficientes, procura de aprovação/reconhecimento, pessimismo e autopunição*. Os itens são respondidos através de uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, de 1 (*completamente falso, isto é, não tem nada a ver com o que acontece comigo*) a 6 (*descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo*). Cada esquema é representado por diferentes itens,

dispostos aleatoriamente no instrumento. A proeminência de cada esquema é determinada pelos valores médios do grupo de itens que o avalia (Rijo, 2009).

Importa acrescentar que os dezoito esquemas fazem parte de cinco domínios: *abandono, desconfiança/abuso, privação emocional, defeito/vergonha e isolamento social/alienação* fazem parte do domínio *distanciamento e rejeição* (avaliam as expectativas sobre a satisfação das nossas necessidades básicas: segurança, estabilidade, apoio e cuidados, empatia, partilha de sentimentos, aceitação e respeito); *dependência/incompetência, vulnerabilidade ao mal e à doença, emaranhamento e fracasso* fazem parte do domínio *autonomia e desempenho deteriorados* (avaliam a percepção de uma pessoa sobre as próprias aptidões para se separar, sobreviver e funcionar de forma independente e com sucesso); *grandiosidade e autocontrolo insuficientes* fazem parte do domínio *limites deteriorados* (avaliam a existência de uma deficiência nos limites internos, responsabilidade para com os outros ou orientação/objetivos a longo prazo); *subjugação, auto sacrifício e procura de aprovação* fazem parte do domínio *influência dos outros* (avaliam a existência de *focus* excessivo nos desejos, sentimentos e respostas dos outros, pondo de parte as próprias necessidades); finalmente, *negativismo, controlo excessivo/inibição emocional, padrões excessivos/hipercriticismo* e *autopunição* fazem parte do domínio sobre *vigilância e inibição* (avaliam a ênfase excessiva no controlo dos seus sentimentos espontâneos, impulsos e escolhas, evitando erros ou de forma a cumprir regras rígidas e interiorizadas acerca do desempenho e comportamento ético).

Na validação portuguesa do YSQ-S3 (Rijo, 2009) detetou-se que alguns itens não eram discriminativos do fator a que pertenciam, assim, Rijo (2009) optou por retirar estes itens (itens 90, 49, 52, 62, 74, 31). Verificou que retirando os itens acima referidos, foi encontrado um α de Cronbach do total dos itens de 0,967, provando uma excelente consistência interna. Quanto à consistência interna das várias dimensões foram encontrados os seguintes valores (também reveladores de razoável a boa consistência interna): *privação emocional*: 0,819; *abandono*: 0,809; *desconfiança/abuso*: 0,780; *isolamento social/alienação*: 0,814; *defeito/vergonha*: 0,856; *fracasso*: 0,861; *dependência/incompetência funcional*: 0,717; *vulnerabilidade ao mal e à doença*: 0,677; *emaranhamento/eu subdesenvolvido*: 0,682; *subjugação*: 0,777; *autossacrifício*: 0,770; *inibição emocional*: 0,810; *padrões excessivos de realização/hipercriticismo*: 0,571; *grandiosidade*: 0,674; *autocontrolo/autodisciplina*

Vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal adaptativos em reclusos

insuficientes: 0,658; *procura de aprovação/reconhecimento*: 0,714; *pessimismo*: 0,755; *autopunição*: 0,765.

Interpretamos os alfas de Cronbach encontrados no nosso estudo de acordo com os critérios de Pestana e Gageiro (2008): alfa de Cronbach total de 0,962 (muito boa); *privação emocional*: 0,830 (boa); abandono: 0,809 (boa); *desconfiança/abuso*: 0,711 (razoável); *isolamento social/alienação*: 0,666 (fraca); *defeito/vergonha*: 0,728 (razoável); *fracasso*: 0,574 (inadmissível; apesar do alfa inadmissível desta última dimensão, segundo Nunnally, 1967, cit. por Bean, 1980, um alfa de 0,5 é suficiente em estudos exploratórios/iniciais, pelo que analisaremos os resultados obtidos com este esquema); *dependência/incompetência funcional*: 0,553 (inadmissível; apesar do alfa inadmissível desta última dimensão, segundo Nunnally, 1967, cit. por Bean, 1980, um alfa de 0,5 é suficiente em estudos exploratórios/iniciais, pelo que analisaremos os resultados obtidos com este esquema); *vulnerabilidade ao mal e à doença*: 0,412 (inadmissível); *emaranhamento/eu subdesenvolvido*: 0,436 (inadmissível); *subjugação*: 0,469 (inadmissível); *autossacrifício*: 0,700 (razoável); *inibição emocional*: 0,710 (razoável); *padrões excessivos de realização/hipercriticismo*: 0,608 (fraca); *grandiosidade*: 0,704 (razoável); *autocontrolo/autodisciplina insuficientes*: 0,373 (inadmissível); *procura de aprovação/reconhecimento*: 0,434 (inadmissível); *pessimismo*: 0,726 (razoável); *autopunição*: 0,697 (fraca).

2.4. Análise estatística

A análise estatística foi efetuada através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20. Calculámos estatísticas descritivas, medidas de tendência central, de dispersão e de assimetria. O teste de Kolmogorov-Smirnov, utilizado para testar a normalidade das variáveis, mostrou que cerca de metade de todas as variáveis consideradas (dimensões de estilos educativos parentais, de vinculação e esquemas precoces mal adaptativos) não apresentavam uma distribuição normal. Apesar da amostra apresentar um $N > 30$, dada a ausência de distribuição normal em algumas das variáveis, optamos maioritariamente pelos testes não paramétricos. Foi usado o nível de significância (p) de 0,05. Realizaram-se correlações Spearman para testar associações entre as diferentes variáveis (dimensões do EMBU, ECR-RS e QEY). Para avaliar a magnitude das correlações, seguimos os critérios de Cohen (1992): 0,10 (baixa); 0,30 (moderada); e 0,50 (elevada). Através da correlação de Pearson testamos se a variável

idade se correlacionava com as variáveis centrais do estudo (esquemas do YSQ; dimensões de estilos educativos parentais – EMBU; dimensões de vinculação – evitamento/ansiedade – ECR-RS). Através do teste U de Mann Whitney (dicotomizando as variáveis escolaridade: 1º ciclo + 2º ciclo + 3º ciclo vs. ensino secundário + ensino superior; estado civil: solteiro + viúvo vs. casado + união de facto; agregado familiar até aos 16 anos: família nuclear vs. família alargada + família nuclear e alargada) testamos se existiam diferenças se existiam diferenças nas variáveis centrais do estudo (já referidas) pelas variáveis escolaridade, estado civil, agregado familiar até aos 16 anos, agregado familiar antes do cumprimento da pena, presença de humor depressivo ou anedonia nas duas últimas semanas, tipo de pena e duração da pena).

3.Resultados

Na Tabela 3 apresentam-se os valores médios, desvios-padrão e intervalos dos esquemas do YSQ que apresentaram valores admissíveis de consistência interna. Entre as dimensões que apresentam intervalos teóricos entre 5-35 as que apresentaram médias mais elevadas foram: *autossacrifício*, *pessimismo*, *inibição emocional*, *abandono*, *desconfiança/abuso*, *grandiosidade* e *privação emocional*. Entre as que apresentavam intervalos teóricos entre 4-24 a que apresentou média mais elevada foi a *autopunição*.

Tabela 3

Médias, desvios-padrão e intervalos de todas as dimensões do YSQ

	<i>M(DP)</i>	Intervalo	Intervalo teórico
Domínio Distanciamento e Rejeição			
Privação emocional	2,03 (1,27)	5 – 28	5 – 35
Abandono	3,05 (1,56)	4 – 23	4 – 24
Desconfiança/abuso	2,44 (1,13)	5 – 25	5 – 35
Isolamento Social/alienação	1,86 (0,89)	5 – 25	5 – 35
Defeito/vergonha	1,54 (0,83)	5 – 19	5 – 35
Autonomia e Desempenho Deteriorados			
Fracasso	1,69 (0,80)	5 – 20	5 – 35
Dependência/ incompetência funcional	1,96 (0,95)	5 – 21	5 – 35
Limites deteriorados			
Grandiosidade	2,37 (1,12)	5 – 25	5 – 35
Influência dos outros			
Autossacrifício	3,23 (1,17)	5 – 28	5 – 35
Vigilância e inibição			
Inibição emocional	2,59 (1,25)	5 – 30	5 – 35
Padrões excessivos de realização/hipercriticismo	2,93 (1,32)	3 – 18	3 – 18
Negativismo/Pessimismo	3,09 (1,29)	5 – 29	5 – 35
Autopunição	3,59 (1,28)	4 – 24	4 – 24

M = média; *DP* = desvio-padrão; YSQ = *Young Schema Questionnaire*

Na Tabela 4 apresentam-se as médias, desvios-padrão e intervalos das dimensões da ECR-RS e do EMBU. Quanto à ECR-RS, verificou-se um valor médio maior de *evitamento* quanto ao *pai*, mas maior de *ansiedade* quanto à *mãe*. Quanto ao EMBU, verificaram-se valores médios maiores em todas as dimensões relativamente à *mãe*.

Tabela 4

Médias, desvios-padrão e intervalos de todas as dimensões da ECR-S e do EMBU

	<i>M(DP)</i>	Intervalo	Intervalo teórico
ECR-RS			
<i>evitamento mãe</i>	15,79 (7,26)	6 – 34	
<i>evitamento pai</i>	18,10 (8,02)	6 – 42	7 – 42
<i>evitamento companheira</i>	12,31 (6,19)	6 – 30	
<i>ansiedade mãe</i>	8,74 (5,76)	3 – 21	
<i>ansiedade pai</i>	8,38 (5,22)	3 – 21	3 – 21
<i>ansiedade companheira</i>	8,26 (5,99)	3 – 21	
EMBU			
<i>suporte emocional mãe</i>	19,02 (4,59)	9 – 26	7 – 28
<i>suporte emocional pai</i>	18,60 (4,10)	9 – 28	
<i>rejeição mãe</i>	13,15 (3,90)	8 – 20	9 – 36
<i>rejeição pai</i>	11,92 (3,47)	9 – 23	
<i>sobreproteção mãe</i>	14,53 (3,34)	9 – 23	
<i>sobreproteção pai</i>	14,41 (3,67)	8 – 23	7 – 28

M = média; *DP* = desvio-padrão

Na Tabela 5 apresentam-se as correlações entre as dimensões da ECR-RS e do EMBU. O *suporte emocional pai* correlacionou-se negativamente com o *evitamento pai*, *evitamento mãe*, *ansiedade mãe* (magnitudes moderadas) e *evitamento companheira* (magnitude elevada) O *suporte emocional mãe* correlacionou-se negativamente com o *evitamento mãe* (magnitude elevada) e *ansiedade mãe* (magnitude moderada). A *rejeição pai* correlacionou-se com o *evitamento pai*, *evitamento mãe*, *ansiedade pai* e *ansiedade mãe* (magnitudes moderadas). A *rejeição mãe* correlacionou-se com o *evitamento pai* e *evitamento mãe* (magnitudes moderadas). A *sobreproteção mãe* associou-se positivamente à *ansiedade mãe* (magnitude moderada).

Tabela 5

Correlações entre as dimensões do ECR-S e as dimensões do EMBU

		<i>suporte emocional</i>		<i>rejeição</i>		<i>sobreproteção</i>	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
<i>Evitamento</i>	Pai	-0,448**	NS	,490**	0,345*	NS	NS
	Mãe	-0,434**	-0,502**	0,447**	0,369*	NS	NS
	Companheira	-0,512**	NS	NS	NS	NS	NS
<i>Ansiedade</i>	Pai	NS	NS	0,429**	NS	NS	0,322*
	Mãe	-0,359*	-0,331*	0,412*	NS	NS	NS
	Companheira	NS	NS	NS	NS	NS	NS

***p* ≤ 0,001; **p* ≤ 0,005 NS = não significativo.

Na Tabela 6 apresentam-se as correlações entre os EPM do YSQ (com alfas admissíveis) e da ECR-S. A *privação emocional* correlacionou-se positivamente (magnitude moderada) com o *evitamento mãe* e a *ansiedade mãe*. O *abandono* e a *desconfiança /abuso* correlacionaram-se positivamente (magnitude moderada) com o *evitamento mãe*, *ansiedade mãe* e *ansiedade pai*. O *isolamento social* e *defeito* correlacionaram-se positivamente (magnitude elevada) com o *evitamento mãe*. O *isolamento social* correlacionou-se positivamente (magnitude moderada) com a *ansiedade pai*. O *defeito* correlacionou-se positivamente (magnitude moderada) com o *evitamento mãe*. O *fracasso* e a *dependência/incompetência* correlacionaram-se positivamente (magnitude moderada) com o *evitamento mãe*. O *fracasso* também se correlacionou positivamente (magnitude moderada) com o *evitamento companheira*. A *dependência/incompetência* correlacionou-se positivamente com a *ansiedade pai*. O *pessimismo* correlacionou-se positivamente (magnitude moderada) com a *ansiedade mãe* e *ansiedade pai*. A *grandiosidade* e *autopunição* correlacionaram-se positivamente (magnitude moderada) com a *ansiedade pai*.

Tabela 6
Correlações entre as dimensões do YSQ e as dimensões da ECR-S

	Evitamento			Ansiedade		
	Mãe	Pai	Companheira	Mãe	Pai	Companheira
Distanciamento/Rejeição						
<i>privação emocional</i>	0,440**	NS	NS	0,368*	NS	NS
<i>Abandono</i>	0,383*	NS	NS	0,342*	0,413**	NS
<i>desconfiança/abuso</i>	0,441**	NS	NS	0,378*	0,330*	NS
<i>isolamento social/alienação</i>	0,524**	NS	NS	NS	0,379*	NS
<i>defeito/vergonha</i>	0,510**	NS	NS	NS	NS	NS
Autonomia/desempenho deteriorados						
<i>Fracasso</i>	0,438**	NS	0,375*	NS	NS	NS
<i>dependência/incompetência</i>	0,343*	NS	NS	NS	0,377*	NS
Limites deteriorados						
<i>Grandiosidade</i>	NS	NS	NS	NS	0,423**	NS
Influência dos outros						
<i>autossacrifício</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Vigilância e inibição						
<i>inibição emocional</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
<i>padrões excessivos de realização</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
<i>pessimismo/negativismo</i>	NS	NS	NS	0,328*	0,332*	NS
<i>autopunição</i>	NS	NS	NS	NS	0,318*	NS

** $p \leq 0,001$; * $p \leq 0,005$ NS = não significativo

Na Tabela 7 apresentam-se as correlações entre os esquemas do YSQ (com valores de alfa admissíveis) e do EMBU. O *suporte emocional mãe* correlacionou-se negativamente com a *privação emocional* (magnitude moderada). A *rejeição pai* correlacionou-se com a *desconfiança/abuso, defeito, grandiosidade, padrões excessivos de realização e pessimismo* (magnitudes moderadas). A *rejeição mãe* correlacionou-se positivamente com o *abandono, desconfiança/abuso, isolamento social, pessimismo e autopunição* (magnitudes moderadas). Já a *sobreproteção pai* correlacionou-se positivamente com o *abandono, isolamento social, defeito e pessimismo* (magnitudes moderadas). A *sobreproteção mãe* correlacionou-se com o *abandono e isolamento social* (magnitudes moderadas).

Tabela 7
Correlações entre as dimensões do YSQ e as dimensões do EMBU

	Suporte emocional		Rejeição		Sobreproteção	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Distanciamento e Rejeição						
<i>privação emocional</i>	NS	-0,422**	NS	NS	NS	NS
<i>Abandono</i>	NS	NS	NS	0,376*	0,343*	0,391*
<i>desconfiança/abuso</i>	NS	NS	0,387*	0,367*	NS	NS
<i>isolamento social/alienação</i>	NS	NS	NS	0,370*	0,414**	0,366*
<i>defeito/vergonha</i>	NS	NS	0,356*	NS	0,329*	NS
Autonomia e desempenho deteriorados						
<i>Fracasso</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
<i>dependência/incompetência</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Limites deteriorados						
<i>Grandiosidade</i>	NS	NS	0,461**	NS	NS	NS
Influência dos outros						
<i>autossacrifício</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Vigilância e inibição						
<i>inibição emocional</i>	NS	NS	NS	NS	NS	NS
<i>padrões excessivos de realização</i>	NS	NS	0,371*	NS	NS	NS
<i>Pessimismo</i>	NS	NS	0,410*	0,484**	0,335*	NS
<i>autopunição</i>	NS	NS	NS	0,334*	NS	NS

** $p \leq 0,001$; * $p \leq 0,005$ NS = não significativo;

Exploramos, ainda, associações entre diferentes variáveis sociodemográficas, familiares, clínicas e relativas à pena e as variáveis centrais do estudo (esquemas do YSQ; dimensões de estilos educativos parentais – EMBU; dimensões de vinculação – evitamento/ansiedade – ECR-RS). A idade não mostrou correlacionar-se com nenhuma

das variáveis. Testes U de Mann Whitney mostraram que as variáveis centrais do estudo não revelaram diferenças estatisticamente significativas por escolaridade, por estado civil, por agregado familiar antes dos 16 anos (variáveis dicotomizadas), por agregado familiar antes do cumprimento da pena, presença de humor depressivo ou anedonia nas duas últimas semanas, tipo de pena e duração da pena.

4. Discussão

Foi principal objetivo deste estudo explorar eventuais associações, numa amostra de reclusos, entre a perceção relativa à vinculação em diferentes relacionamentos (em concreto as dimensões ansiedade e evitamento), a perceção dos estilos educativos parentais (dos próprios pais) e diferentes esquemas precoces mal adaptativos. Ainda assim, antes de discutirmos os principais resultados correlacionais, atentaremos nas características sociodemográficas, familiares, clínicas e relativas à pena da nossa amostra e compararemos alguns dos valores médios encontrados nas dimensões dos instrumentos usados neste estudo com os encontrados noutros estudos (com amostras diferentes, dado o número escasso de estudos com a população reclusa no nossos país).

Em termos de idade, ao compararmos a da nossa amostra com a de outros estudos realizados no nosso país (todos recolhidos junto de reclusos do sexo masculino) (Barbosa, 2012; Carvalho, 2012), ora verificamos que a idade se aproxima da de outros estudos (Barbosa, 2012; Silva, 2010), ora que é superior (Carvalho, 2012). Tal pode dever-se ao facto da amostra de Carvalho (2012) ter sido recolhida junto de 9 estabelecimentos prisionais portugueses, enquanto que a nossa amostra, a de Barbosa (2012) e a de Silva (2010) foram recolhidas apenas num único estabelecimento prisional português (apesar de diferentes). Consideramos que, apesar da semelhança do nosso resultado ao dos estudos já referidos, ainda que constituindo uma limitação do nosso estudo, a amostra de Carvalho pode, ao ter sido recolhida num número maior de estabelecimentos prisionais, ser mais representativa da realidade em termos de idade dos reclusos portugueses. Quanto à escolaridade, tal como noutros estudos realizados no nosso país com reclusos portugueses, podemos afirmar que a maioria dos participantes possuía escolaridade baixa, com a maioria a possuir o 2º ciclo ou o 3º ciclo de escolaridade, tal como no estudo de Carvalho (2012), de Barbosa (2012) e Silva (2010), sendo muito pequena a percentagem de reclusos com ensino secundário ou superior (tal com nos estudos acima referidos). Da mesma forma, tal como noutros estudos, a

maioria dos reclusos é solteiro (percentagens entre os 40 e os 80%) com uma percentagem menor (entre os 10 e os 20%) a ser casado (Carvalho, 2012; Barbosa, 2012; Silva, 2010). Tal como no estudo de Silva (2010) a maioria dos reclusos parece ter sido educado ou vivido numa família com estrutura nuclear (pais) (estudo de Silva, 2010: 86%; nosso estudo – agregado familiar até aos 16 anos de idade: 76,7%). Quanto à duração da pena atual (considerando que a nossa amostra se refere a única instituição, que recebe maioritariamente reclusos em situação preventiva - sem pena definida ou em processo de recurso - ou pena curta - até 3 anos) na sua maioria, na nossa amostra, esta situa-se entre um mês e sessenta meses (5 anos) (34,1%), valor inferior ao encontrado noutros estudos (e.g. entre os 5 meses e os 10 anos, Silva, 2010), embora o tempo médio de pena no nosso estudo se situe nos 52,4 meses (4 anos e 4 meses) e no estudo de Silva (2010) entre nos 44 meses (nos 3 anos e 7 meses). No estudo de Carvalho (2012) (que incluiu, relembramos, reclusos de 9 estabelecimentos prisionais) a média de tempo da pena foi consideravelmente superior ($M = 127,74$ meses).

Importa comparar os valores médios apresentados pela nossa amostra nas dimensões de ansiedade e evitamento (nos diferentes relacionamentos) com os valores apresentados por Moreira e colaboradores (2014) no estudo de validação do instrumento que usamos neste estudo, o ECR-RS, com uma amostra da população geral portuguesa. O que verificamos não nos surpreendeu, uma vez que encontramos valores médios bastante superiores na nossa amostra, por comparação com os valores apresentados pelos autores para a subamostra de homens (os autores validaram a escala numa amostra de ambos os sexos, mas apresentam os valores médios separadamente). Assim, se no nosso estudo, encontramos valores de 15,79 no evitamento (na vinculação) à mãe, 18,10 ao pai e 12,31 à companheira, no estudo de validação são apresentados valores bem mais baixos, respetivamente de 2,62, 2,98 e 1,77. O único aspeto em que se verifica uma “equivalência” é o facto do valor mais elevado dizer respeito à vinculação ao pai. Sucede o mesmo quanto à ansiedade (na vinculação), em que no nosso estudo, encontramos valores de 8,74 na ansiedade (na vinculação) à mãe, 8,38 ao pai e 8,26 à companheira (por oposição com os valores de 2,06, 2,01 e 2,64, no estudo de validação). Segundo Mikulincer e Shaver (2012) a localização de uma pessoa no espaço conceptual bidimensional definida pela ansiedade e evitamento (na vinculação) reflete a segurança da vinculação e a forma como lida com ameaças e sofrimento. Sujeitos que pontuam baixo em ambas as dimensões apresentam uma vinculação segura e parecem

regular bem as suas emoções, ao contrário dos que têm pontuações elevadas em ambas as dimensões ou numa isoladamente, sendo inseguros e dependendo de estratégias secundárias de ligação, ativando ou desativando os seus modelos internos dinâmicos para lidar com as ameaças (Cassidy e Kobak, cit. por Mikulincer e Shaver, 2012). Na nossa amostra parece ser central a presença de evitamento (na vinculação) (que indica o grau de desconfiança que a pessoa tem da boa vontade do parceiro e se esforça por manter a distância emocional e independência) em qualquer um dos relacionamentos avaliados, mas sobretudo em relação ao pai, sendo possível hipotetizar que estes sujeitos evitam a proximidade e negam necessidades de aproximação e de interdependência relacional, o que pode ter decorrido de relações, com as figuras de vinculação, de desaprovação, punição da proximidade ou das expressões de necessidade e/ou vulnerabilidade (mais à frente discutiremos a relação desta dimensão com as diferentes dimensões de estilos educativos parentais). Porém, também se verifica a presença de ansiedade (na vinculação) (que indica o quanto a pessoa se preocupa com o facto da outra pessoa poder não estar disponível em momentos de necessidade) com estes sujeitos a tentarem ativamente alcançar a proximidade, apoio e amor, embora sintam pouca confiança quando os mesmos são dados e ressentimento e raiva se não forem correspondidos (Mikulincer e Shaver, 2012).

Considerando, agora, os valores médios obtidos pela nossa amostra nas dimensões do EMBU – Memórias de infância e comparando esses valores com os da validação portuguesa do instrumento (Canavarro, 1996), os resultados obtidos são semelhantes (suporte emocional mãe, nosso estudo, $M = 19,02$ vs. $M = 19,34$; suporte emocional pai, nosso estudo, $M = 18,60$ vs. $M = 18,06$; rejeição mãe, nosso estudo, $M = 13,15$ vs. $13,53$; rejeição pai, nosso estudo, $M = 11,92$ vs. $M = 11,07$; sobreproteção mãe, nosso estudo, $M = 14,53$ vs. $16,22$; sobreproteção pai, nosso estudo, $M = 14,41$ vs. $13,52$).

Referindo-nos, agora, aos valores médios apresentados pela nossa amostra nos diferentes esquemas precoces mal adaptativos e comparando-os com os valores médios obtidos, no estudo de Rijo (2009) por uma amostra constituída por 1226 participantes da população geral, os valores médios obtidos pela nossa amostra de reclusos foram muito semelhantes apresentados nessa amostra. No mesmo trabalho, Rijo (2009) compara os valores médios na amostra da população geral, com os valores médios de uma amostra com diagnósticos do Eixo I e outra amostra com diagnóstico do Eixo II. Os valores médios desta última amostra variarem entre 2,43/EPM de dependência/incompetência e

4,00/EPM de pessimismo, não se afastando muito dos valores que encontramos. Não verificamos, no nosso estudo, no entanto, níveis mais elevados nos esquemas que parecem melhor discriminar reclusos com patologia da personalidade (esquemas do domínio distanciamento e rejeição, como o abandono e o isolamento social e dos limites deteriorados como a grandiosidade e procura de aprovação) (e.g. Carvalho, 2012; Loper, 2003; Gilbert e Daffern, 2013), mas antes em EPM como o autossacrifício, o pessimismo/negativismo e a autopunição, o que pode apontar para um eventual carácter apelativo das respostas dos nossos participantes.

Quanto à discussão sobre as associações encontradas entre as dimensões de vinculação e às dimensões de estilos educativos parentais, na nossa amostra, verificou-se que menores níveis de suporte emocional paterno e maiores níveis de rejeição paterna se associaram a maiores níveis de evitamento (na vinculação) ao pai (bem como à mãe e à companheira). Se o suporte emocional diz respeito a comportamentos por parte dos pais em que a criança se sente confortável e aceite pelo progenitor, dado os comportamentos de aprovação, encorajamento, ajuda e expressão verbal e física de carinho e amor e se a rejeição diz respeito a comportamentos pelos progenitores de tentativa de modificação da vontade dos filhos e pressão para se comportarem de acordo com a vontade dos pais (usando castigos físicos, privando de objetos/privilégios ou aplicando a força) faz sentido que menores níveis deste suporte, bem como maiores níveis de rejeição, possam levar a criança/pessoa a desenvolver desconfiança da boa vontade do progenitor, bem como esforços para manter a distância emocional e a independência, isto é, forte evitamento (na relação de vinculação). De facto, como afirma Mikulincer e Shaver (2012), o evitamento na vinculação parece decorrer de relações de desaprovação, punição da proximidade ou de expressões de necessidade e/ou vulnerabilidade. Parece ser possível hipotetizar que o estilo educativo parental adotado pela figura paterna se revela importante para a existência de evitamento (na vinculação) também com a progenitora e na vinculação à atual companheira, sendo possível afirmar a influência dos estilos educativos parentais (com um dado progenitor) na vinculação estabelecida com o outro progenitor e em relacionamentos futuros. Verificou-se o mesmo resultado quanto à mãe, com menores níveis de suporte emocional e de maior rejeição materna a associarem-se a maiores níveis de evitamento (na vinculação) à mãe, podendo este resultado ser discutido da mesma forma. Não se verifica é, da mesma forma, a preponderância da figura materna a “determinar” os

resultados quanto à vinculação noutros relacionamentos, o que pode apontar para a importância, da figura paterna a este nível. O estudo de Frodi e colaboradores (2001) verificou que, níveis maiores de psicopatia se associavam a uma constelação familiar com pais rejeitadores (Rejeição Pai – EMBU). Não deixa de ser curioso verificar, também, que menores níveis de suporte emocional paterno e materno se associaram a maiores níveis de ansiedade (na vinculação) à mãe, como se o facto de a criança não se sentir confortável e aceite por ambos os progenitores (pela ausência de comportamentos de aprovação, encorajamento, ajuda e expressão verbal e física de carinho e amor) condicionasse a preocupação com o facto da figura materna poder não estar disponível em momentos de necessidade. Parece fazer sentido isto acontecer, porque é como se a criança sentisse que “está por si só” e não conta com o apoio dos outros para lidar com as adversidades ou momentos maus. Da mesma forma, e de novo assinalando a centralidade da figura paterna, quanto maiores os níveis de rejeição paterna, maiores os níveis de ansiedade (na vinculação) ao pai e à mãe, o que volta a fazer sentido porque se a criança vê o seu comportamento controlado através de castigos, força e privação de objetos/privilégios, teme que a pessoa possa não estar disponível (ou ser compreensiva/tolerante) em momentos de necessidade. Assim, estas pessoas (com ansiedade na vinculação), ao mesmo tempo que procuram a proximidade, apoio e amor não conseguem sentir confiança quando os mesmos são dados, o que faz sentido se pensarmos no efeito simultâneo de baixos níveis de suporte emocional e de altos níveis de rejeição. Outro resultado encontrado disse respeito ao facto de elevados níveis de sobreproteção materna se associar a níveis maiores de ansiedade (na vinculação) ao pai. A sobreproteção diz respeito ao controlo excessivo e à intromissão na vida e comportamento dos filhos, numa tentativa de prevenir a sua independência o que parece indicar que níveis maiores de intromissão e de prevenção da independência dos filhos, por parte da mãe podem conduzir a que os filhos sintam (dada a eventual “asfixia” relacional por parte da figura paterna) que a figura paterna poderá não estar disponível quando necessário.

Quanto às associações entre as dimensões de vinculação e os vários EPM, ao contrário da tendência para níveis médios mais elevados no EPM de autossacrifício, pessimismo/negativismo e autopunição, a verdade é que, em termos das associações, vão “dominar” os EPM dos domínios de distanciamento e rejeição e limites deteriorados. Então, verificou-se que níveis maiores de evitamento (na vinculação) à

mãe se associam a níveis maiores nos esquemas do domínio distanciamento e rejeição (privação emocional, abandono, desconfiança/abuso, isolamento social e defeito) e nos esquemas do domínio de autonomia e desempenho deteriorados (fracasso e dependência/incompetência). Parece que muito possivelmente, como vimos, dada a uma relação pautada por menor suporte emocional e rejeição por parte da mãe (relação pouco afetiva e punitiva) tal pode conduzir ao desenvolvimento de EPM em que a pessoa sente que as suas necessidades não são tidas em conta/privação emocional, que pode ser abandonado ou deixado pelas pessoas que ama/abandono, que pode ser traído/enganado pelos outros/desconfiança/abuso, que não se “encaixa” socialmente/isolamento social e que não possui em si as características suficientes para ser amado/defeito, mas também que nada do que faz é suficientemente bem feito/fracasso e que dificilmente conseguirá tomar conta de si próprio/dependência/incompetência, apesar de querer ser capaz de o fazer e de se esforçar por o fazer na sequência da relação de vinculação estabelecida). Assim, neste contexto, faz sentido, desde sempre na vida destes sujeitos, uma relação marcada pela desconfiança da boa vontade da progenitora e pelo esforço em manter a distância emocional e a independência face à mesma. Também se verificou que maior evitamento (na vinculação) à atual companheira se associa a um maior nível no EPM de fracasso (domínio de autonomia e desempenho deteriorados). É possível, neste caso, hipotetizar que o esquema de fracasso (já desenvolvido, eventualmente, antes, na vida do sujeito) se torne hipervalente na relação com a atual companheira (medo de não estar à altura/de não ser suficientemente bom) conduzindo a um esforço em manter a distância emocional da mesma e uma relação de independência, em que, aparentemente, o sujeito tente mostrar que é “bom” e capaz de funcionar de forma independente. Constatou-se, ainda, que maiores níveis de ansiedade (na vinculação) à mãe também se associaram a maiores níveis de EPM do domínio distanciamento e rejeição (privação emocional, abandono, desconfiança/abuso) e domínio da vigilância e inibição (pessimismo). Da mesma forma, maiores níveis de ansiedade (na vinculação) ao pai também se associaram a maiores níveis de EPM do domínio distanciamento e rejeição (abandono, desconfiança/abuso, isolamento social), do domínio da vigilância e inibição (pessimismo e autopunição) e do domínio dos limites deteriorados (grandiosidade). É lógico pensar que, se numa relação, o sujeito aprendeu a temer que a outra pessoa possa não estar disponível (maior ansiedade na vinculação) (não esqueçamos a associação

desta visão, a maiores níveis de rejeição e menores níveis de suporte emocional) tal se associe ao desenvolvimento de crenças que ninguém quer saber das suas necessidades/privação emocional, que as pessoas que ama o/a podem deixar/abandono, que as pessoas o/a podem prejudicar/desconfiança/abuso, que não se “encaixa”/isolamento social e até mesmo que qualquer coisa de mal pode estar para acontecer/pessimismo ou que merece ser castigado/autopunição. Ainda que não explorando exatamente os resultados da mesma forma como no nosso estudo, alguns estudos analisaram se os esquemas mal adaptativos precoces medeiam a relação entre a vinculação e sintomas de psicopatologia e Bosmans, Braet e Vljerberghe (2011) verificaram (ainda que em adolescentes) que a associação entre ansiedade (na vinculação) e os sintomas de psicopatologia era mediada totalmente por cognições (esquemas) de distanciamento e rejeição e influência dos outros e a associação entre o evitamento (na vinculação) e os mesmos sintomas era parcialmente mediada por cognições (esquemas) de distanciamento e rejeição. Também Roelofs, Onckels e Muris (2013) exploraram a relação entre uma vinculação insegura, esquemas precoces mal adaptativos precoces e vários tipos de sintomas psicopatológicos (problemas de conduta, problemas na relação com pares e problemas emocionais) em adolescentes. O domínio de distanciamento e rejeição mediou a relação entre a vinculação insegura e os problemas na relação com os pares e problemas emocionais. Em particular, o esquema de abandono mostrou mediar as associações encontradas. Os estudos parecem reforçar a centralidade dos EPM do domínio distanciamento e rejeição e os resultados do nosso estudo parecem reforçar, particularmente, o contributo da vinculação desenvolvida para o desenvolvimento de diferentes EPM, em particular, desse mesmo domínio.

Não poderíamos deixar de discutir a relação entre uma maior ansiedade (na vinculação) ao pai e maiores níveis no EPM de grandiosidade, como se estivéssemos a assistir a uma reação “compensatória” face a uma relação em que o sujeito sente que a figura paterna não está disponível para atender às suas necessidades (e que é punitivo/rejeitador e pouco cuidador, como vimos) e fosse, então, necessário desenvolver uma visão de si mesmo como merecedor de mais coisas do que as outras pessoas, de maior respeito do que as outras pessoas. Esta leitura faz ainda mais sentido se analisarmos, de seguida, as associações encontradas entre as dimensões de estilos educativos parentais e os EPM. Assim, níveis maiores de rejeição e sobreproteção paterna não só se associaram a níveis maiores do EPM de defeito, como também a

maiores níveis dos EPM de grandiosidade e de padrões excessivos. Parece possível hipotetizar que, de facto, uma relação em que o sujeito sinta punição e ausência de disponibilidade por parte da figura paterna (ausência de cuidados e sobreproteção excessiva, anulando a sua independência) desenvolva uma visão negativa de si que tenta, compensar através de uma visão de grandiosidade e de padrões excessivos (de realização/desempenho).

Continuando a discutir a relação entre os EPM e as dimensões de estilos educativos parentais, é lógico verificar que menores níveis de suporte emocional materno (de afeto, de manifestações de aceitação e de “querer saber”) se associem a maiores níveis de privação emocional (visão de que os outros não estão disponíveis, que não se interessam pelas suas necessidades, emoções...). Da mesma forma, faz sentido que maiores níveis de rejeição materna e paterna (pautada por castigos, por punições...) se associem a uma visão geral de que os outros o podem prejudicar ou fazer mal, uma vez que a relação com as figuras significativas é pautada por aqueles aspetos negativos (e.g. punições). Uma relação em que o sujeito sinta o controlo e punição/castigos maternos (rejeição), mas também a sobreproteção materna e paterna (este último dado é mais difícil de interpretar) parece associar-se a maiores níveis de abandono (medo que as pessoas que ama o possam deixar/morrer), sendo como se o sujeito antecipasse a “rejeição” futura (o abandono futuro). A sobreproteção é encarada como uma dimensão muito próxima da rejeição, sendo sentida, particularmente na adolescência como uma rejeição por parte do progenitor, uma fonte de castigo e punição, ao não ser permitida a independência, as escolhas livres. Curiosamente, esta sobreproteção não conduz a que o sujeito se sinta seguro na relação, antecipando o eventual abandono. De novo, maiores níveis de rejeição materna e de sobreproteção materna e paterna associam-se a maior isolamento social, resultado este mais fácil de interpretar e que faz sentido se pensarmos que uma relação de castigos e punições e de controlo dos “passos dados” pode dificultar os sentimentos de integração social. Uma maior rejeição materna (pautada por castigos e punições) associou-se, naturalmente, a maiores níveis de autopunição (visão de que merece ser castigado) e maiores níveis de rejeição materna e paterna e de sobreproteção paterna associaram-se a maiores níveis de pessimismo, talvez como se se tratasse de uma antecipação de que várias coisas podem correr mal.

No sentido dos resultados que encontramos quanto à associação entre as dimensões dos estilos educativos parentais e dos EPM, Thimm (2010) confirmou, numa amostra

clínica, que os esquemas precoces medeiam a relação entre a percepção dos estilos educativos parentais e os sintomas de perturbações de personalidade. Mais ainda, e no sentido dos nossos resultados, o autor verificou que todos os cinco domínios esquemáticos se relacionaram com a rejeição paterna (à exceção do domínio dos limites deteriorados, ao contrário do nosso estudo) e com a rejeição materna, o que vai ao encontro do acima afirmado sobre a importância da dimensão dos estilos educativos parentais rejeição. Tendo os autores realizado análises com os EPM agrupados por domínios, os domínios distanciamento/rejeição, influência dos outros e vigilância e inibição mostraram estar associados a menor suporte emocional (o que confirmamos apenas com o esquema privação emocional). Neste estudo a sobreproteção paterna e materna não se correlacionaram com nenhum domínio esquemático (apesar de ter usado também o EMBU).

Neste estudo verificaram-se algumas limitações, nomeadamente no tamanho reduzido da amostra; na falta de diversidade de estabelecimentos prisionais; o sexo dos participantes, que poderia ter influência sobre os resultados obtidos, por exemplo, na questão da desajustabilidade social. Detetamos ainda dificuldade na recolha dos dados, por dificuldade de aceitação na participação no estudo. A extensão do protocolo também se revelou uma limitação, na medida em que podem ter contribuído para pontuações extremas nas respostas. Ainda, por se tratar de um estudo transversal, não se pode afirmar causalidade da vinculação e dos estilos para os EPM

Como implicações fundamentais, este estudo mostra que vinculação insegura (quer evitante, quer ansiosa) e estilos educativos parentais mais negativos – rejeição sobretudo (ou menores níveis dos estilos mais positivos) se associam a níveis mais altos particularmente nos EPM importantes do domínio distanciamento e rejeição. Neste sentido, seria interessante usar medidas de regulação emocional nos reclusos, tal o programa GPS – Gerar percursos sociais.

5.Referências bibliográficas

Ainsworth, M. D. (1964). Patterns of attachment behavior shown by the infant in interaction with his mother. *Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development*, 51-58.

Ainsworth, M. D. S., Bell, S. M., & Stayton, D. (1974). Infant-mother attachment and social development. In M. P. Richards (Ed.), *The introduction of the child into a social world*. London: Cambridge University Press, 99-135.

Allen, J.P., Marsh, P., McFarland, C, McElhaney, K.B., Land, D.J., Jodl, K.M. & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictors of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70* (1), 56-66.

Ball, S. A., & Cecero, J. J. (2001). Addicted Patients with Personality Disorders: Traits, Schemas, and Presenting Problems. *Journal of Personality Disorders, 15*, 72-83.

Barbosa, A.F. (2012). *Fatores preditivos da reincidência: análise de uma amostra aleatória de reclusos portugueses do sexo masculino*. Tese de mestrado em Psicologia. Área de Conhecimento de Psicologia da Justiça. Universidade do Minho.

Bean, J. P. (1980). Dropouts and turnover: The synthesis and test of a causal model of student attrition. *Research in Higher Education, 12*(2), 155-187.

Beck, A.T. (2005). The current state of cognitive therapy. A 4-year retrospective. *Archives of General Psychiatry, 62*, 953-959.

Borelli, J.L., Goshin, L., Joestl, S., Clark, J. e Byrne, M.W. (2010). Attachment Organization in a Sample of Incarcerated Mothers: Distribution of Classifications and Associations with Substance Abuse History, Depressive Symptoms, Perceptions of Parenting Competency, and Social Support. *Attachment and Human Development, 12*(4), 355-374.

Bosmans, G., Braet, C., Vljerberghe, L. (2011). Attachment and symptoms of psychopathology: early maladaptive schemas as a cognitive link? *Clinical Psychology and Psychotherapy, 17* (5), 374-385.

Brazão, N., da Motta, C., Rijo, D. e Pinto-Gouveia, J. (2015). The prevalence of personality disorders in Portuguese male prison inmates: Implications for penitentiary treatment. *Análise Psicológica, 33* (3).

Canavarro (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica, 16*, 5-18.

Carvalho, B. (2012). *A visão de si dos reclusos antissociais: Esquemas Mal adaptativos Precoces dos reclusos e a sensibilidade à mudança da paranoia*. Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Subespecialização

em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e da Saúde. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Chipman, S., Olsen, S.F., Klein, S., Hart, C.H., Robinson, C.C. (2000). Differences in Retrospective Perceptions of Parenting of Male and Female Inmates and Non-Inmates. *Family Relations*, 49 (1).

Crawford, T. N., Livesley, W. J., Jang, K. L., et al. (2007). Insecure attachment and personality disorder: a twin study of adults. *European Journal of Personality*, 21, 191-208.

Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: implications of explanation, emotion and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (4), 810 - 832.

Fearon, R. P., Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Lapsley, A.-M. and Roisman, G. I. (2010) The significance of insecure attachment and disorganization in the development of children's externalizing behavior: A metaanalytic study. *Child Development*, 81 (2), 435-456.

Fraley, R. C., Heffernan, M. E. Vicary, A.M. Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships - relationships structures questionnaire: a method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23 (3), 615-625.

Frodi, Dernevik, Sepa, Philipson e Bragesjö (2001). Current attachment representations of incarcerated offenders varying in degree of psychopathy. *Attachment & Human Development*, 3 (3), 269-283.

Gilbert, F., e Daffern, M. (2013). The association between early maladaptive schema and personality disorder traits in an offender population. *Psychology, Crime and Law*, 19 (10), 933-946.

Harris, A. E., & Curtin, L. (2002). Parental perceptions, early maladaptive schemas, and depressive symptoms in young adults. *Cognitive Therapy and Research*, 26,405–416.

Haapasalo, J. (2001). How do young offenders describe their parents? *Legal and Criminological Psychology*, 6 (1), 103-120.

Haapasalo, J. e Tremblay, R.E. (1994). Physically aggressive boys from ages 6 to 12: family background, parenting behavior, and prediction of delinquency. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62 (5), 1044-1052.

Hoeve, M., Dubas, J.S., Gerris, J.R.M., van der Laan, P.H., e Smeenk, W. (2011). Maternal and paternal parenting styles: Unique and combined links to adolescent and early adult delinquency. *Journal of Adolescence*, 34 (5), 813-827.

Jones, C., Harris, G., & Leung, N. (2005). Parental rearing behaviors and eating disorders: the moderating role of core beliefs. *Eating Behaviors*, 6, 355-364.

Loeber, R., Farrington, D.P. e Petechuk, D. (2003). *Child Delinquency: Early Intervention and Prevention*. *Child delinquency*. Bulletin series. U.S. Department of Justice.

Loper, A. (2003). The relationship of maladaptive beliefs to personality and behavioural adjustment among incarcerated women. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 17(3), 253-266.

Meyer, C., & Gillings, K. (2004). Parental bonding and bulimic psychopathology: the mediating role of mistrust/abuse beliefs. *International Journal of Eating Disorders*, 35, 229–233.

Mikulincer, M., e Shaver, P. (2012). Na attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry*, 11, 11-15

Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M.J. e Canavarro, MC. (2014). Assessing Adult Attachment Across Different Contexts: Validation of the Portuguese Version of the Experiences in Close Relationships–Relationship Structures Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 1-9.

Muris P. (2006). Maladaptive schemas in non-clinical adolescents: Relations to perceived parental rearing behaviors, big five personality factors, and psychopathological symptoms. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 13, 405–413.

Nunes, L.M.C (2010). *Análise biográfica, do estilo de vinculação e da personalidade, em indivíduos com história de abuso de substâncias e condutas delinquentes*. Porto. Universidade Fernando Pessoa.

Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5a Ed). Lisboa: Edições Silabo.

Petrocelli, J. V., Glaser, B. A., Calhoun, G. B., & Campbell, L. F. (2001). Early maladaptive schemas of personality disorders subtypes. *Journal of Personality Disorders*, 15(6), 546-559.

Platts, H., Mason, O., e Tyson, M. (2005). Early maladaptive schemas and adult attachment in a UK clinical population. *Psychology and Psychotherapy*, 78 (4), 549-564.

Rijo, D. (2009) *Esquemas mal adaptativos precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Dissertação de doutoramento em Psicologia, especialização em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Roelofs, J., Onckels, L. e Muris, P. (2013). Attachment Quality and Psychopathological Symptoms in Clinically Referred Adolescents: The Mediating Role of Early Maladaptive Schema. *Journal of Child and Family Studies*, 22 (3), 377-385.

Salt, J. (2013). The Relationship between Maternal Sensitivity in Infancy, and Actual and Feared Separation in Childhood, on the Development of Adolescent Antisocial Behaviour. *Aggression and Violent Behaviour Journal* (artigo submetido).

Silva, A.V.S.R. (2010). *Influência dos Estilos Parentais no Desenvolvimento do Comportamento Criminal dos Reclusos*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade da Beira Interior como requisito para obtenção do grau de mestre em Psicologia, na área de clínica e da saúde. Covilhã.

Simard V, Moss E, Pascuzzo K. (2011). Early maladaptive schemas and child and adult attachment: A 15-year longitudinal study. *Psychology and Psychotherapy: Theory Research and Practice*, 84, 349–366.

Simões, S., Farate, C., e Pocinho, M. (2011). Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das Crianças em Idade Escolar. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, nº20, 75-99.

Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Porto, Porto

Timmerman, I.G.H e Emmelkamp, P.M.G. (2005). Parental rearing styles and personality disorders in prisoners and forensic patients. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 12 (3), 191-200.

Timmerman, I.G.H e Emmelkamp, P.M.G. (2005). An Integrated Cognitive-Behavioural Approach to the Aetiology and Treatment of Violence. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 12 (3), 167-176.

Thimm, J.C. (2010). Mediation of early maladaptive schemas between perceptions of parental rearing style and personality disorder symptoms. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 41 (1), 52-59.

Van Vlierberghe, L, Braet, C., Bosmans, G., Rosseel, Y., e Bögels S. (2010). Maladaptive schemas and psychopathology in adolescence: On the utility of young's schema theory in youth. *Cognitive Therapy and Research*, 34, 316–332.

Ward, Hudson e Marshall (1996). Attachment style in sex offenders: a preliminar study. *The Journal of Sex Research*, 33 (1), 17-26.

Walters, G., White, T. (1990). Attachment and Social Bonding in maximum security prison inmates. *American Journal of Criminal Justice*, 15 (1), 54-69.

Wearden, A., Peters, I., Berry, K., Barrowclough, C. & Liversidge. T. (2008). Adult attachment, parenting experiences, and core beliefs about self and others. *Personal and Individual Differences*, 44, 1246-1257.

Young, J., Klosko, J., & Weishaar, M. (2003) *Schema therapy. A practitioner's guide*. New York: The Guilford Press.

Young, J., & Behary, W. T. (1998). *Schema-focused therapy for personality disorders*. In N. Tarrrier, A. Wells, & G. Haddock (Eds.). *Treating complex cases. The cognitive behavioral approach*. New York: John Wiley & Sons, 15, 340-358.

